

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2008

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora de Barcarena

Estrada das Fontainhas

2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira
Estudos Arqueológicos de Oeiras,
16, Oeiras, Câmara Municipal, 2008, p. 143-146

OCTAVIO DA VEIGA FERREIRA – COLEGA E AMIGO

Hermanfrid Schubart*

O Professor Doutor Octávio da Veiga Ferreira foi um geólogo com excelente preparação e sucesso, devido aos seus estudos e às experiências profissionais, como comprova a abundância das publicações nesta área. O trabalho de campo desenvolvido, permitiu-lhe o contacto permanente com estações arqueológicas. O seu colega eminente e amigo paternal, Georges Zbyszewski, exerceu uma influência essencial, tal como a grande tradição da casa a que pertencia – os Serviços Geológicos de Portugal – que contava com uma colecção abrangente e importante. Esta relação será recordada mais pormenorizadamente neste volume.

Tendo sido um geólogo que trabalhou afincadamente, Octávio da Veiga Ferreira foi um arqueólogo apaixonado, activo e bem sucedido nas pesquisas de campo. A sua colaboração feliz com Camarate França, Mendes Corrêa, Leonel Trindade e Abel Viana, entre outros, encontra-se documentada por numerosas publicações em conjunto. A colaboração com a Doutora h.c. Vera Leisner que, após a morte do seu marido, continuou as pesquisas sobre os túmulos megalíticos em Portugal (desde 1954 ao serviço do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid), levou-o à realização de escavações conjuntas: da exploração de um importante túmulo colectivo pré-histórico de falsa cúpula, na Praia das Maças, resultaram publicações de grande nível. Foi notável a ligação e o trabalho de Octávio da Veiga Ferreira ao Abbé Jean Roche, principalmente pela investigação sistemática dos concheiros de Muge, cujos resultados abriram as portas ao seu Doutoramento em Paris.

Após a minha chegada ao Instituto Arqueológico Alemão de Madrid em 1959 e depois de um tempo de ambientação a Espanha, fiz as minhas primeiras viagens a Portugal¹ nos anos de 1961 e 1962, para conhecer monumentos arqueológicos e museus. O meu interesse específico dirigiu-se para o sul de Portugal com os seus aparentemente escassos vestígios da Idade do Bronze. Na altura, desenhei e fotografei muitos achados no Algarve, no Alentejo e nos museus de Lisboa, inclusive na colecção dos Serviços Geológicos de Portugal². A venerada Dona Vera Leisner apresentou-me aos colegas desta instituição e a maneira espontânea e cordial de ser de Octávio da Veiga Ferreira, foi o fundamento para uma relação entre colegas que se tornou em breve numa amizade. Esta encontrava-se

* Antigo Director do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid. Texto traduzido do original em Alemão pelo Prof. Doutor Gerald Bär (Universidade Aberta), a quem muito se agradece.

¹ Hermanfrid Schubart, “As relações entre Investigadores da Arqueologia Pré-Histórica Portugueses e Alemãs desde 1954, ano da reabertura do IAA em Madrid, até ao ano de 1971, quando foi fundado o IAA em Lisboa”, *Arqueologia e História*, Lisboa, vol. 55, 2003, pp. 189–196.

² O resultados foram publicados em: Hermanfrid Schubart, “Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel”, *Madridener Forschungen* 9, Berlin, 1975. Um resumo: “La cultura del Bronce en el sudoeste peninsular”, en: *Miscelánea Arqueológica XXV Aniversario de los Cursos en Ampurias*, Barcelona 1974, pp. 345–370.

já bem cimentada quando fui convidado por Abel Viana (amigo de Octavio da Veiga Ferreira) para continuar as escavações na necrópole da Idade do Bronze de Atalaia³.

Durante os trabalhos com os objectos da Idade do Bronze constantes da colecção dos Serviços Geológicos de Portugal, Octávio da Veiga Ferreira alertou-me para os materiais de um segundo horizonte funerário no túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, que Vera Leisner não tinha apresentado junto com os achados do horizonte funerário mais antigo.⁴ Considerando o meu interesse particular neste complexo mais recente, Octávio da Veiga Ferreira ofereceu-me de imediato e generosamente a possibilidade de o estudar e publicar, o que resultou na demonstração de uma presença funerária campaniforme⁵.

Excursões com Octávio da Veiga Ferreira levaram-me a vários locais na Estremadura, mas também às suas escavações perto de Torres Vedras e do Bombarral. Visitando o povoado da Idade do Cobre de Columbeira, a sua fortificação dupla captou o meu interesse imediatamente. Uma vez que no ano de 1964 a escavação prevista no Zambujal ainda estava em dúvida, devido a atitude reticente do Prof. Doutor Manuel Heleno⁶, o bom amigo Octávio da Veiga Ferreira e Jorge d'Almeida Monteiro, do Bombarral, ofereceram-me a possibilidade de uma escavação na Columbeira. Uma oferta generosa com um projecto, cuja assinatura numa das bem equipadas adegas de Bombarral foi acompanhada com muito vinho velho e uma excelente aguardente (passei, como bem reparei, uma prova, embora não científica, mas importante para o bom entendimento, que mais tarde por várias ocasiões seria repetida).

A minha amizade com o hábil ourives Jorge d'Almeida Monteiro que iria muitas vezes visitar as escavações do Instituto Arqueológico Alemão no Zambujal, durou até ao seu falecimento. Tendo cartografado as estruturas que apareciam à superfície na Columbeira na Primavera de 1969, correspondentes a duas muralhas visíveis, publiquei um ensaio em português e, mais tarde, em alemão⁷ em co-autoria de Octavio da Veiga Ferreira e Jorge d'Almeida Monteiro, em homenagem ao seu apoio desinteressado.

³ Hermanfrid Schubart, "Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze", *Arquivo de Beja* 22, 1965, 7-136. Cf. a correspondência entre Abel Viana e Octávio da Veiga Ferreira, em: *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 10, 2001/2002, 559-575. Neste contexto, e em memória ao trabalho duro e aos excelentes resultados obtidos em Atalaia, escrevi no dia 3 de Março de 2003 ao editor deste volume, Prof. Doutor João Luís Cardoso: "Muchas gracias por tudo, sobre todo por las fotocopias y la edición de las tan características cartas de Abel Viana, que tienen un gran valor para la historia de la investigación. Las frases en relación a Atalaia tienen para mi un aspecto muy divertido. Abel Viana – ya algo flojo – llegó muy pocas veces a la excavación. Al otro lado organizó perfectamente la infraestructura. La vida en la ermita de Nossa Senhora da Cola era muy sincera en su forma de alojamiento, pero la alimentación – empleando cocinera y ayudanta, existiendo un frigorífico de butano – era riquísima: cordero y jamón, magnífico vino blanco y aguardiente de madroño! Nada de 'vida espartánica'! Hasta hoy estoy vinculado sentimentalmente y muy estrechamente a Abel Viana, a la gran humanidad que representaba y vivía, también en gratitud por su generosa invitación a poder excavar la necrópolis de Atalaia, descubierta en fechas anteriores y en parte ya excavada por él."

⁴ A. Viana, O. da Veiga Ferreira, R. Freire de Andrade, "Um túmulo de "tipo alcalarense" nos arredores de Aljustrel", *Revista de Guimarães*, 71, 1961, 247 ff.; Vera Leisner, "Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen", *Madridrer Forschungen*, Bd. 1, 3. Lieferung, Berlin, 1965, 150ff., Taf. 127-129; 144, 1; 145, 1. 2.

⁵ H. Schubart, "Zwei Belegungsphasen im Kuppelgrab Monte do Outeiro bei Aljustrel (Portugal)", in: *Madridrer Mitteilungen* 6, 1965, 64-73; H. Schubart, "As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel", in: *Revista de Guimarães*, 75, 1965, pp. 3-12; H. Schubart, loc. cit. (nota 2) 120. 124, Abb. 14.

⁶ Foi por mérito do Prof. Doutor Dom Fernando de Almeida que, apesar da referida resistência, a escavação no Zambujal teve lugar. Numa longa conversa, na qual participei, Dom Fernando, com o seu grande talento diplomático, conseguiu o desenlace difícil. Através de uma publicação antecipada sobre o Zambujal e sobre uma selecção dos riquíssimos achados mais antigos desse local, dos quais tinha feito um levantamento no Museu de Torres Vedras, foi reivindicado o estudo dos materiais e, indirectamente, o lugar do achado. Uma reivindicação apoiada pelos co-autores, entre eles obviamente Octavio da Veiga Ferreira: cf A. do Paço, V. Leisner, L. Trindade, H. Schubart, O. da Veiga Ferreira, "Castro do Zambujal (Torres Vedras)", *Boletim da Junta Distrital de Lisboa*, vol. 61/62, 1964, 3ª Série, pp. 3-30.

⁷ H. Schubart, O. da Veiga Ferreira, J. Almeida Monteiro, "A fortificação eneolítica da Columbeira-Bombarral". *O Arqueólogo Português*, 3ª Série, vol. 3, 1969, pp. 17-36; H. Schubart, "Die kupferzeitliche Befestigung von Columbeira / Portugal", em: *Madridrer Mitteilungen*, vol. 11, 1970, pp. 59-73.

Apesar do interesse de realizar explorações na Columbeira, parecia sensato, na altura, preservar o recinto como reserva arqueológica. Mais tarde, a escavação, que permitiu a cartografia pedra a pedra das estruturas, revelou a imagem rigorosa deste povoado fortificado. Escavação e publicação devem-se a João Ludgero Marques Gonçalves, um colaborador amigo da escavação do Zambujal⁸.

A correspondência, só parcialmente conservada, que manteve com Octavio da Veiga Ferreira é divulgada, na sua parte essencial, pelo editor deste volume. Nela se testemunha um intercâmbio científico e de uma amizade duradoura que levou a frequentes encontros pessoais, também no seio familiar. Além dos vários projectos e publicações – na altura apareceram quatro artigos de Octavio da Veiga Ferreira nas *Madrider Mitteilungen*⁹ – tínhamos preparado durante muitos anos, o plano de um trabalho em conjunto em Vila Nova de São Pedro, comparável às escavações de Zambujal. Pretendíamos escavar a camada de terra existente sobre os espessos muros da fortificação, excluindo de início uma escavação profunda. Tal como no Zambujal, depois de expostas e limpas, as estruturas e as muralhas, incluindo os interiores dos muros e os complexos de derrubes dos mesmos, deveriam ser registados na escala de 1:20. Desta forma teria sido possível realizar uma análise detalhada das várias fases de construção e, finalmente, uma história da evolução arquitectónica e da ocupação deste sítio maravilhoso. Comparável ao critério geral que presidiu às investigações em curso no Zambujal, este plano parecia de grande importância para a interpretação de ambas as fortificações. Infelizmente, a escavação do Zambujal ocupou todos os colaboradores, de tal maneira que não restava tempo para este projecto. Mais tarde, outros realizaram o trabalho, com bons resultados.¹⁰

Octávio da Veiga Ferreira esteve também ligado ao Instituto Arqueológico Alemão. Desde 1963 que pertencia a esta instituição como membro correspondente, e sempre a apoiou. O contacto com Konrad Spindler, mais tarde Catedrático de Pré-história em Insbruck, fez parte desta relação. Em 1966, Spindler tinha chegado a Portugal para colaborar na escavação do Zambujal. Estabeleceu laços de colaboração em Portugal, tendo trabalhado para o Instituto Alemão de Arqueologia de Madrid em outras ocasiões. Com ele, Octávio da Veiga Ferreira publicou obras importantes nas *Madrider Mitteilungen*, o anuário do Instituto Alemão de Arqueologia de Madrid.¹¹

Após a última campanha de escavações, realizada em 1973 no Zambujal, a par da fundação do Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa, o foco dos meus trabalhos deslocou-se de Portugal para Espanha.¹² A partir daí, os encontros com colegas portugueses tornaram-se menos frequentes; todavia, mantiveram-se os contactos pessoais com todos os amigos. Também nos encontrávamos muitas vezes nos numerosos congressos e colóquios que havia na altura. Com Octávio da Veiga Ferreira, o meu amigo da ‘primeira hora’ em Portugal, troquei constantemente todas as separatas dos nossos trabalhos publicados e cartas de teor pessoal até o seu muito lamentado falecimento.

Octávio da Veiga Ferreira foi um dos grandes na investigação da Pré-História portuguesa. Numa altura em que a continuidade da pesquisa estava ameaçada e considerando os poucos docentes universitários e a falta das respectivas escolas, Octávio da Veiga Ferreira aguentou e ajudou, com os seus discípulos, a cobrir estas lacunas.

⁸ J.L. Marques Gonçalves, *Castro da Columbeira (Bombarral)*, 1992. Museu Municipal do Bombarral.

⁹ Cí.: nota 11 em baixo.

¹⁰ J. Morais Arnaud, J.L. Marques Gonçalves, “A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), 1ª Parte, Arqueologia. *Revista de Assembleia Distrital de Lisboa*, vol. 1, 1990, pp. 25-48, Fig. 14.

¹¹ O. da Veiga Ferreira, D. Fernando de Almeida, “A necrópole do Bronze Meridional Português da Herdade do Peral (Évora)”. *Madrider Mitteilungen*, vol. 12, 1971, 115 ff.; K. Spindler, O. da Veiga Ferreira, “Der spätbronzezeitliche Kuppelbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal,” em: *Madrider Mitteilungen*, vol. 14, 1973, 60 ff.; K. Spindler, O. da Veiga Ferreira, “Das vorgeschichtliche Fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal / Portugal, em: *Madrider Mitteilungen*, vol. 15, 1974, 28 ff.; O. da Veiga Ferreira, M. Leitão, C.T. North, J. Norton, “Découverte d’un silo préhistorique près de Verdella dos Ruivos (Vialonga), Portugal”, em: *Madrider Mitteilungen*, vol. 17, 1976, 76 ff.

¹² Hermanfrid Schubart, loc. cit. (nota 1), 196.

A sua atitude franca e a sua forma temperamental de falar também provocou oposição, facto que não lhe tira o mérito. Pois foi mesmo este modo de ser, cordial e aberto, e o seu conseqüente serviço à causa, que o fez ganhar muitos e fiéis amigos – os seus testemunhos, tanto na altura, como hoje, no âmbito desta homenagem.